



GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E GEOGRAFIA DAS FESTAS:

ELEMENTOS DA FESTA DE IEMANJÁ NA PRAIA DO CASSINO/RS

Valdoir Guimarães Oliveira Junior ¹

Juliana Cristina Franz ²

RESUMO

A presente pesquisa busca destacar elementos culturais presentes na Festa de Iemanjá que ocorreu nos dias 01 e 02 de fevereiro na Praia do Cassino, no município do Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Partindo dos estudos da Geografia da Religião e da Geografia das Festas, adotou-se uma abordagem qualitativa, além de elaborar um roteiro semiestruturado para realizar um trabalho de campo durante a Festa de Iemanjá no período mencionado. Nesse sentido, foi possível compreender as principais motivações para a participação dos devotos na festa e olhar para a festa além da celebração ou "evento" e sim como um espaço de representação da comunidade afro-brasileira em que o culto religioso se materializa e exhibe a mensagem que representa os devotos da "Rainha do Mar".

Palavras-chave: Religião, Festividade, Cultura afro-brasileira, Praia do Cassino.

RESUMEN

La presente investigación busca destacar elementos culturales presentes en la Fiesta de Iemanjá que tuvo lugar los días 1 y 2 de febrero en la Playa del Cassino, en el municipio de Rio Grande, en Rio Grande do Sul. Partiendo de los estudios de Geografía de la Religión y Geografía de las Fiestas, se adoptó un enfoque cualitativo, además de elaborar un guión semiestruturado para llevar a cabo un trabajo de campo durante la Fiesta de Iemanjá en el período mencionado. En este sentido, fue posible comprender las principales motivaciones para la participación de los devotos en la fiesta y mirar la celebración más allá de la mera "evento" y, en cambio, como un espacio de representación de la comunidad afrobrasileña donde el culto religioso se materializa y muestra el mensaje que representa a los devotos de la "Reina del Mar"

Palabras clave: Religión, Festividad, Cultura afrobrasileña, Playa del Cassino.

INTRODUÇÃO

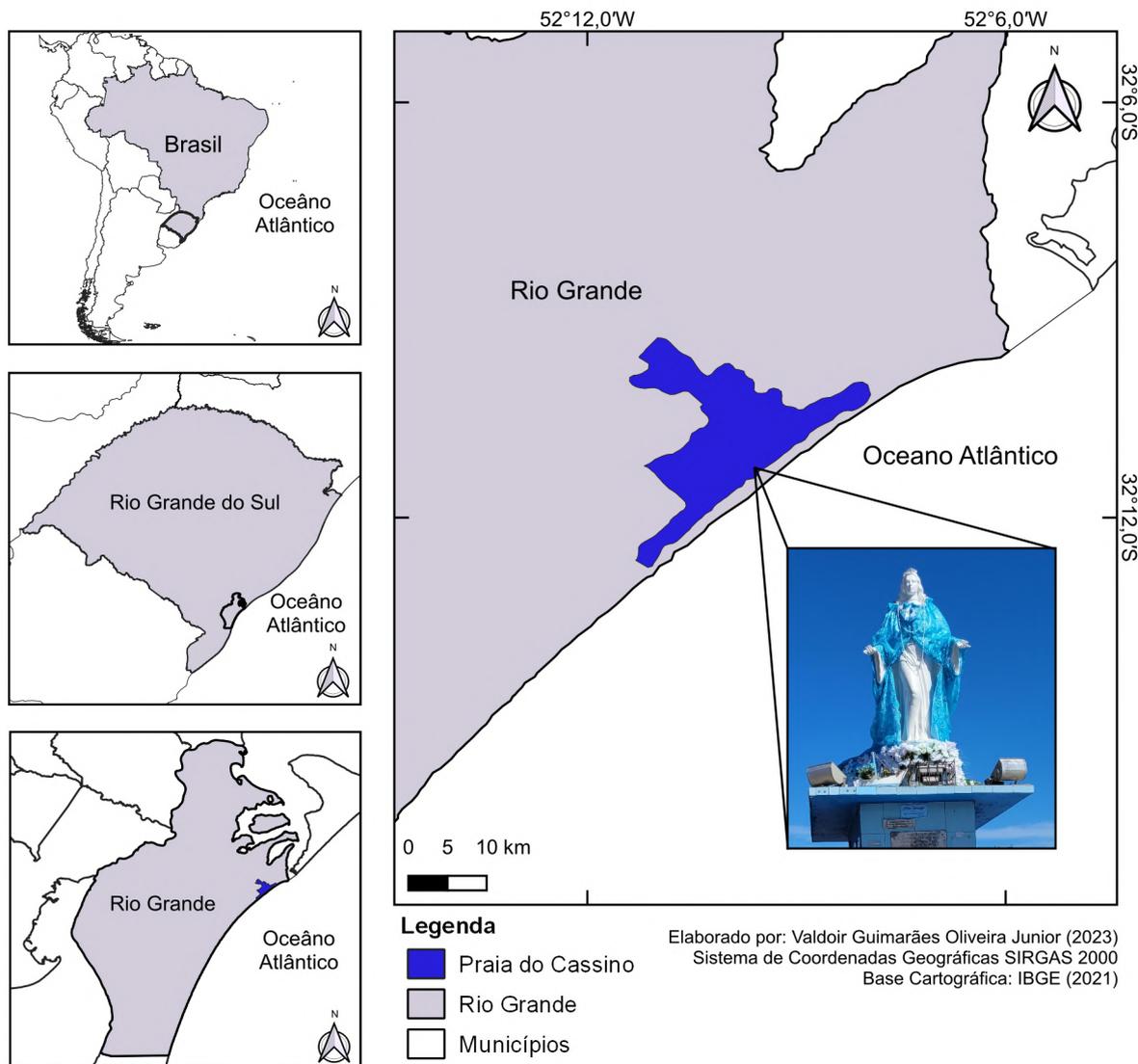
A partir dos registros históricos averiguou-se que a primeira Festa de Iemanjá de Rio Grande foi organizada no dia 1º de fevereiro de 1963, organizada pelo vereador João Paulo Araújo, na Praia do Cassino. O referido vereador ficou encarregado das despesas do evento, e

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - RS, valdoirjunior115@outlook.com

² Professora dos cursos de Geografia Bacharelado e Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande (PPGGEIO/FURG) - RS, julianafranz@gmail.com.

junto de sua esposa Nilza Araújo, elaboraram a primeira celebração em homenagem a Orixá. Posteriormente, no dia 2 de fevereiro de 1968 o Jornal Rio Grande comunica a proposta do vereador David Manoel Gautério que sugeria a Festa de Iemanjá como um misto de folclore e religião, defendendo a oficialização da festa em homenagem a Iemanjá, argumentando que existem mais de dois mil terreiros no município do Rio Grande, reforçando a relevância da festa para o município e para o estado do Rio Grande do Sul. No ano de 1971 o escultor rio-grandino Érico Gobbi, ao observar a euforia da população durante os festejos à Iemanjá no ano de 1971, teve a ideia de esculpir uma estátua em homenagem à mesma. No ano seguinte, deu início a realização do projeto que foi finalizado no ano de 1973. A estátua permaneceu em exposição no ateliê do escultor, chamando atenção de diversos devotos rio-grandinos e devotos oriundos de diversas outras cidades do interior, bem como de Porto Alegre. Em 1975, umbandistas rio-grandinos organizaram ações beneficentes com a intenção de arrecadar verba para comprar a estátua que foi adquirida por 35 mil cruzeiros, instalada no ano de 1976 na Praia do Cassino após muitas polêmicas entre o Poder Executivo e os umbandistas (Figura 1). Apesar disso, apenas a partir da lei 5.291 de 7 de janeiro de 1999 o evento passou a fazer parte do calendário de eventos oficial do município de Rio Grande (CAMARGO; CALLONI, 2012; PEREIRA, 2016).

Figura 1- Mapa de localização da estátua de Iemanjá



Fonte: Oliveira Junior (2023)

A análise deste trabalho toma como referência a festa ocorrida no ano de 2023 nos dias 1 e 2 de fevereiro, realizada na Praia do Cassino/RS. Parte-se da ótica da geografia cultural renovada, visto que, através desse viés, surgem novas perspectivas e possibilidades de estudo referente às diversas práticas dos mais variados grupos culturais. Dessa forma, a partir dos estudos de geografia da religião e geografia das festas, objetivou-se compreender quais os conjuntos de signos, valores e aspectos tanto materiais quanto imateriais que se destacam na Festa de Iemanjá, além das principais motivações dos devotos que estavam presentes na celebração em homenagem à Rainha do Mar.

A principal motivação para realizar esse estudo é devido a grande importância da

estátua de Iemanjá para a cidade do Rio Grande uma vez que a mesma promove uma forte tradição religiosa no município, além de atrair a presença de fiéis de diversas localidades. Cabe destacar também que a presente pesquisa faz parte da dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

METODOLOGIA

Para realização desta pesquisa adotou-se uma abordagem qualitativa, em que inicialmente realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental a partir de referências que discutem a geografia da religião, geografia das festas, e geossímbolos. Além disso, foram realizadas entrevistas com sujeitos que frequentaram a Festa de Iemanjá no período de 01 e 02 de fevereiro de 2023, assim foi possível obter informações a partir de fontes primárias, que contribuíram com reflexões sobre o evento em análise.

Para as entrevistas, valeu-se de um roteiro de entrevistas semiestruturado, este é considerado uma abordagem metodológica adequada para pesquisas qualitativas, pois permite que tanto o pesquisador quanto o entrevistado tenham a flexibilidade de explorar novas ideias e questões que possam surgir durante o processo de entrevista. De acordo com Flick (2009), a abordagem semiestruturada permite que o entrevistador conduza a entrevista de forma mais flexível, enquanto mantém o foco na questão central da pesquisa. Além disso, o roteiro de entrevista semiestruturada pode ser ajustado para atender às necessidades específicas do pesquisador e do entrevistado, permitindo assim uma melhor compreensão do fenômeno em questão. As entrevistas foram gravadas com auxílio de um gravador de voz e após foram transcritas e o material obtido nas entrevistas foi usado para estruturar os resultados desse campo exploratório em consonância com o material bibliográfico visto a priori.

REFERENCIAL TEÓRICO

Rosendahl (1996; 2005; 2013) traz diversos acúmulos referentes aos estudos da geografia da religião. Em Rosendahl (2005) a autora busca interpretar o fenômeno religioso e suas interações com o ser humano e o território utilizando o sagrado e o profano como foco da análise. Entende-se o sistema religioso como um sistema de símbolos sagrados e valores que podem ser analisados por diversas dimensões tais como a dimensão econômica, política e de lugar, assim, o território está presente em todas essas dimensões. Rosendahl (1999) reforça que existem inúmeros espaços sagrados tanto fixos quanto móveis em diferentes religiões e em diversas culturas, sendo que para a maioria das religiões o espaço sagrado expressa-se em

áreas, como no caso da estátua de Iemanjá que pode ser classificada como um espaço sagrado fixo, uma vez que o monumento possui um lugar real de localização, que é a Praia do Cassino.

Os santuários são centros de atração dos fiéis, assim como, também devem ser vistos como lugares destinados a peregrinações. A materialização que os santuários representam são resultado da sua atratividade especificamente religiosa, independente de quaisquer outras funções que também possam exercer (SANTOS, 2013). Já em Rosendahl (2013), a autora explora os espaços sagrados com ênfase na experiência espiritual do lugar, desta forma, é possível compreender os lugares simbólicos como criação da ocupação humana dos espaços, pois utiliza-se dos símbolos sagrados para transformar aquele espaço em lugar, Rosendahl afirma que,

A compreensão singular da experiência do lugar é marcada por momentos de transcendência, os quais, a cada tempo sagrado, expressam a ordem divina. A religião imprime uma marca na paisagem por meio da cultura. A prática religiosa – a ida ao santuário, a atividade religiosa, o comportamento dos crentes envolvendo as interações espaciais – representa uma das diversas maneiras pelas quais a religião age sobre pessoas e lugares (ROSENDAHL, 2013, posição 1989).

No que se refere às festas, estas já eram estudadas a partir de outras ciências como antropologia e sociologia, e é a partir da década de 1990 que a geografia passa a considerar o tema como objeto de estudo, analisando sua "geograficidade" por meio de organizações espaciais. Desta forma, a festa na perspectiva geográfica possibilita interpretar signos que são apresentados como marcas que delimitam o espaço festivo. Os signos, ao fazerem parte da organização do espaço festivo, se tornam geossímbolos, que possuem carga ideológica principalmente devido ao sagrado e aos valores culturais que eles representam, estabelecendo vínculos a partir de uma identidade territorial existente entre o grupo social que festeja e o espaço (CORRÊA, A. 2013).

A partir de Bonnemaision (2012) pode-se compreender a estátua de Iemanjá como um espaço cultural e ao mesmo tempo um espaço geossimbólico, pois trata-se de um território santuário carregado de afetividade e significados, desta forma, o monumento se torna um espaço de comunhão com um conjunto de signos e de valores. Os símbolos contribuem para a construção de um espaço cultural/geossimbólico, já que estamos tratando de um espaço repleto de significados e afetividade que representam os valores de um grupo cultural.

Soares, Tuma e Maia (2018) destacam que as novas funções às formas espaciais prévias reforçam que a festa é uma ruptura com o cotidiano, sendo um período em que não existe apenas um espaço enfeitado ou com acesso limitado para trafegar, é um momento em

que outro sentido é socialmente e culturalmente estabelecido para aquele espaço-tempo festivo. Guarinello (2001, p. 971) diz que a festa “aparece como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias que podem ser cíclicas, como nas festas de calendário, ou episódica, como na comemoração de eventos singulares”.

Apesar da presente pesquisa dar ênfase ao momento da Festa de Iemanjá, vale reforçar que o monumento à Iemanjá, ao longo do tempo, tornou-se um ponto de convergência entre os praticantes de religiões afro-brasileiras. Mesmo a celebração ocorrendo anualmente, as oferendas estão presentes ao redor do monumento durante o ano inteiro, além de ser um ponto de referência para diversos movimentos sociais que utilizam o espaço para dar visibilidade às suas demandas políticas, culturais e sociais (STUDINSKI, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observa-se, nos estudos referentes à geografia da religião, diversas direções de análise que buscam entender a diversidade das práticas e fenômenos religiosos e suas interações no espaço. Ao dar o enfoque à experiência espiritual do lugar, entende-se que a religião imprime uma marca na paisagem através da cultura. Como visto em Rosendahl (2013, p.173): “A prática religiosa – a ida ao santuário, a atividade religiosa, o comportamento dos crentes envolvendo as interações espaciais – representa uma das diversas maneiras pelas quais a religião age sobre pessoas e lugares”. Portanto, ao utilizar o conceito de lugar, procura-se no sentimento de pertencimento uma tentativa de explicar as maneiras em que são construídas as identidades dos devotos envolvidos com as práticas de seus respectivos grupos culturais.

Entre os entrevistados, a maior parte destacou a importância da estátua de Iemanjá como uma referência que fortalece a identidade dos praticantes das religiões afro-brasileiras, além de também ser mencionado que o monumento não pertence ao município ou às instituições religiosas que organizam a festa, mas sim a toda comunidade. O conceito de lugar sagrado é único para cada comunidade religiosa que vive o lugar à sua maneira, a partir de sua experiência de fé e dos símbolos sagrados que pertencem ao seu grupo cultural (ROSENDAHL, 1996; 2005).

Assim, entende-se que os devotos, ao se dirigirem a um santuário – nesse caso, a estátua de Iemanjá, localizada em frente à Praia do Cassino – para realização da prática religiosa, o mesmo passa a se distinguir de outros lugares religiosos por se reconhecer que no santuário existe um grau elevado de sacralidade. Os devotos entrevistados salientaram a importância de fazer as entregas/ofereidas na estátua e também no mar, justificando como um



momento de troca com a Orixá, em que são feitos pedidos ou agradecimentos, por se tratar de um Orixá feminino, é comum encontrar objetos como espelhos, pentes, pulseiras etc.

Dessa forma, os santuários são considerados centros de atração dos fiéis, além de também serem destinos de peregrinações (SANTOS, 2013). Para os entrevistados, a estátua de Iemanjá é mais do que um símbolo religioso e materialização do sagrado, mas também um espaço de representação e resistência política de um lugar de culto que sempre foi marginalizado no território brasileiro. Desse modo, os símbolos que materializam o culto exibem o poder da instituição, além de comunicar a mensagem que une e identifica os devotos daquele grupo cultural (CORRÊA, R. 2013). A Figura 2 mostra o espaço da estátua de Iemanjá com diversas oferendas ao redor, incluindo alimentos, bebidas alcoólicas e principalmente flores nas cores branca e azul.

Figura 2 - Estátua de Iemanjá com diversas oferendas ao redor



Fonte: Oliveira Junior (2023)



Já na Figura 3, a estátua é iluminada pelos holofotes durante a primeira noite da celebração, o principal momento de encontro na estátua para realização de entregas e rituais ao redor do monumento e na beira da praia.

Figura 3- Estátua de Iemanjá na Praia do Cassino (RS) durante a noite



Fonte: Oliveira Junior (2023)

Nesse sentido, os símbolos que fazem parte do espaço cultural em questão transformam o espaço em um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações, tornando-se um território-santuário, ou seja, um espaço de comunhão com um conjunto de signos e valores em comum pelos grupos culturais que o frequentam. Cantos e cerimônias realizados a partir dos encontros na praia durante a noite da Festa de Iemanjá foram destacados pelos entrevistados como práticas essenciais para realização da festa. Assim sendo, os elementos que fazem parte do território-santuário contribuem para o reconhecimento sócioidentitário regional, uma vez que estão rodeados de ações, símbolos e ideias que interferem na construção das identidades socioterritoriais (BONNEMAISON, 2012; PINTO, 2015).

Maia (1999) afirma que as festas populares são caracterizadas por manifestações culturais, que podem ser eventos efêmeros e transitórios, remanescendo por algumas horas, dias ou semanas. Além disso, grande parte das festas, durante seu momento de ocorrência, fornecem uma nova função para as formas espaciais prévias que dispõem para sua realização

(ponto central e entorno): ruas, praças, estádios de futebol se transformam em palcos para realização do evento, porém, não demoram muito para voltar a exercer sua função habitual. Os entrevistados destacaram que entre os principais motivos para participarem da Festa de Iemanjá, o maior é apreciar as diferentes manifestações de fé a partir dos mais diversos grupos, sejam religiosos ou não, que cultuam ou admiram a Orixá, além de ser o momento para ofertar oferendas/agrados para a Rainha do Mar. Em diversas festas, reitera-se a função da forma espacial preexistente, como as festas religiosas, centralizadas em templos, igrejas, terreiros, santuários e monumentos, como no caso da Festa de Iemanjá no entorno da estátua.

Além disso, durante a festa foi possível observar a mesma como uma “tradição inventada” como apontado por alguns devotos, Hobsbawm (1997, p.9) entende o termo como uma maneira “camaleônica” da tradição se manifestar ou ser instituída, definindo as tradições inventadas como,

[...] conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Desse modo, alguns entrevistados destacaram que a festa vem perdendo o caráter de fé, ao se tornar patrimônio, a celebração passou por uma transformação de tradição para um "evento", Dillman e Schiavon (2016, p. 221) argumentam que,

Especialmente em Rio Grande, por se configurar enquanto patrimônio, a festa não adquire importância apenas para religiosos, mas para a sociedade como um todo. A festa de Iemanjá torna-se uma identidade da cidade, uma referência cultural da cidade, na qual, no dia 02 de fevereiro, com a heterogeneidade social, percebe-se a evidente correspondência de diferentes atribuições de valores à festa.

Portanto, a Festa de Iemanjá em seu contexto de evento oficial promovido pelo Poder Executivo Municipal pode ser entendida como uma "tradição inventada" que limita a percepção sobre as representações e manifestações plurais das religiões afro-brasileiras que cultuam a Orixá. Apesar do papel importante da organização do evento, é importante reforçar que a abertura, o isolamento de uma área específica para o andamento da festa e dos trabalhos afro-religiosos não devem ser compreendidos como a totalidade da festa, mas como componentes que fazem parte do ato de festejar anualmente Iemanjá. Os componentes (procissão, palco/abertura, acampamento, monumento) revelam uma falsa impressão de uma manifestação homogênea da festa, uma vez que são atividades dirigidas de forma institucional (STUDINSKI, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir das lentes da geografia cultural, a presente pesquisa analisou os principais elementos da Festa de Iemanjá realizada na Praia do Cassino, no município do Rio Grande, buscando estabelecer relações entre a geografia da religião, a geografia das festas e o conjunto de signos e valores que penetram a festividade em homenagem a Orixá. Desse modo, a partir das entrevistas realizadas, foi possível entender as principais motivações para a participação dos devotos na Festa de Iemanjá, além de enxergar a festa além da celebração, mas também como um espaço de representação de uma comunidade religiosa em que os símbolos presentes na festa materializam o culto afro-brasileiro e exibem a mensagem que representa os devotos e admiradores de Iemanjá.

A partir do diálogo com os devotos, também foi possível perceber a importância da estátua como um espaço geossimbólico que fortalece a identidade das religiões afro-brasileiras que cultuam Iemanjá, além de ser o lugar onde os devotos têm preferência para realizar as entregas/ofereças. Nesse sentido, vale reforçar que a Festa de Iemanjá vai além do "evento", apesar da importância dos elementos promovidos pelo Poder Executivo Municipal, a celebração supera qualquer tipo de institucionalização do evento, uma vez que é um momento de conexão, fé e devoção à "Rainha do Mar", representando todo simbolismo e relações entre os sujeitos que frequentam a festa e a divindade em destaque.

Espera-se que o presente estudo possa servir como incentivo a dar continuidade aos estudos sobre a geografia da religião e geografia das festas, uma vez que a abordagem cultural tem muito a acrescentar na discussão sobre religião e espaço. Também é esperado que possam surgir novas inquietações sobre a temática em questão, seja a partir do viés cultural ou de outras abordagens que busquem dissertar acerca das temáticas de religião e festas.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, RL., and ROSENDAHL, Z., orgs. **Geografia cultural: uma antologia** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, vol. 1. Edição Kindle, posição 5201-5723.

CAMARGO, Tania Garcia; CALLONI, Humberto. O sagrado e o profano presente na festa de Iemanjá: uma leitura possível de educabilidade ambiental. Rio Grande: FURG **Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**. v. 28, p. 344-356, jan.-jun., 2012. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol28/art24v28.pdf>> Acesso em: 13/04/2023.



CORRÊA, Aureanice De Mello. “Não acredito em deuses que não saibam dançar”: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: CORRÊA, R.L., and ROSENDAHL, Z., orgs. **Geografia cultural: uma antologia** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, vol. 2.. Edição Kindle, posição 3657-3967.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, política e espaço. In: CORRÊA, R.L., and ROSENDAHL, Z., orgs. **Geografia cultural: uma antologia** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, vol. 2. Edição Kindle, p. 110-139.

DILLMANN, Mauro. SCHIAVON, Carmem G. B. "Yomoja dele olódo, bàbá orômi o!": sensibilidades religiosas afro-brasileiras e representações patrimoniais das festas de Iemanjá em Pelotas e Rio Grande, RS. In: **Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: matriz afrobrasileira/ organização: Mauro Dillmann.** – São Paulo: ANPUH, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre Artmed, 2009.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa.** São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 191-218, 1999.

PEREIRA, Rogério Amaral. **O portal do guerreiro: as especialidades da Umbanda na cidade de Rio Grande/RS.** 2016. 312f. (Tese–Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

PINTO, Muriel. **A identidade socioterritorial Missioneira na cidade histórica de São Borja - RS: as hegemonias de poder sobre uma identidade tradicional enraizada entre antigas Reduções Jesuítico-Guarani.** 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro, UERJ, NEPEC, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 191-226.

ROSENDAHL, Zeny. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORRÊA, R.L., and ROSENDAHL, Z., orgs. **Geografia cultural: uma antologia** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, vol. 2. Edição Kindle, p.158-184.



XV
ENAN
PECE

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. Os santuários como lugares de construção do sagrado e de memória hierofânica: esboço de uma tipologia. In: CORRÊA, R.L., and ROSENDAHL, Z., orgs. **Geografia cultural**: uma antologia [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, vol. 2. Edição Kindle, p.185-210.

SOARES, Maria Elisabeth Alves Mesquita; TUMA, Raquel Lage; MAIA, Carlos Eduardo Santos. Das ruas para os espaços fechados: reflexões sobre festas. In: Maria Geralda de Almeida. (Org.). **Territórios de Tradições e de Festas**. 1ed. Paraná: UFPR, 2018, v. 1, p. 10-35.